

03-05-2024

Dona Berê

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde. Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Falar de Berenice é falar de diversidades e possibilidades. Ela está na altura dos seus 79 anos, com câncer metastático de mama, com comprometimento ósseo que lhe rendeu uma fratura em fêmur direito e com um prognóstico sombrio, pois tem uma doença incurável que lhe ameaça a vida. Internada sem acompanhante, pois mora sozinha em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, Berenice transborda vida e vontade de aprender, mesmo interditada num leito hospitalar por complicações da doença. Nosso encontro aconteceu numa quarta-feira, num final da tarde. Ela já estava listada na planilha de atendimento do serviço de fisioterapia da unidade de cuidados paliativos que eu trabalho, mas por conta da sua ansiedade de sentar no leito, a enfermeira da internação ligou para o nosso serviço por volta das 16 horas, perguntando se nós íamos atendê-la ainda naquele dia. A resposta foi “sim, claro”, uma vez que, ela apresentava eventos ósseos (fratura e cirurgia de fêmur mais metástases nos dois úmeros), que são prioridades de atendimento. Quando cheguei na enfermaria e me aproximei do seu leito, percebo uma senhora bem humorada e atenta às coisas do cotidiano. Ela não perfazia o perfil da maioria dos nossos pacientes internados, que pelo avanço da doença e de suas complicações se apresentam frágeis e debilitados, como se fossem espoliados por uma grande batalha física contra um inimigo invencível que os deixa no fim do processo cansados de tanto lutar por nada. É nesse ponto que eu abro protesto de discordância contra o senso comum dos profissionais da área da saúde. A pessoa que tem o diagnóstico de uma doença crônica qualquer não ganha ao mesmo tempo o título de herói ou heroína, eles não são obrigados a vencer lutas ou batalhas, simplesmente estão fazendo uma travessia de descobertas e revisão de uma história de vida que a experiência fenomenológica da doença lhes imputou. Tudo bem que alguns sobreviverão a essa experiência e outros não! O que não é ético, e nem aceitável, é o fato de responsabilizar os doentes por seus infortúnios mórbidos e creditar a cura, quando a medicina não tem mais respostas, às crenças e credos existenciais. Esse movimento é uma covardia em relação à condição de vulneração que a doença os coloca, sobretudo quando agudiza o doloroso sentimento do desaparecimento da vida. Voltando à Berenice, ela me recebe com um sorriso largo, logo após a minha apresentação. Pacientes acamados e impedidos de locomoção põem muita esperança na reabilitação, pois acreditam que através do movimento possam voltar à vida. Sobre essa questão eu tratei em outro texto da Coluna Opinião.

Boa tarde dona Berenice, eu sou o fisioterapeuta Ernani, como tem passado?

Tudo bem, o senhor que veio me colocar para andar?

Calma, uma coisa de cada vez, quem sabe sentar primeiro?

Eu tenho andador, olha ele ali.

Nesse momento ela aponta para o andador que estava perto da cabeceira do leito. Qual era a complicação da dona Berenice?

Ela não poderia usar o andador porque tinha risco de fratura em ambos os membros superiores por conta de metástases ósseas, essas que são ávidas pelo tecido ósseo desmineralizando-os e os tornando frágeis. O risco de colocar carga nos membros superiores, ao usar o andador, poderia ser fatal para provocar fraturas. Me permitam aqui uma digressão sobre o desenvolvimento neuro-motor do ser humano. Começamos a usar os membros superiores para nos locomover desde bebê, no engatinhar, por exemplo, e na senescência muitos de nós precisaremos deles para a mesma locomoção, para mesma sensação de pertença na vida, para o movimento. Precisaremos de auxiliares da deambulação como bengalas, andadores, muletas, e para o uso desses dispositivos teremos que ter os membros superiores sadios e fortes. Sem eles se tornará impossível caminhar, locomover-se, pertencer novamente à vida. Que coisa fantástica! Eu tive que dar essa notícia para Berenice, e ela encarou com a maior naturalidade do mundo...

A senhora sente alguma dor nos braços?

Eu não, olha aqui.

E começou a fazer vários movimentos com os braços, depois da notícia difícil.

Tudo bem, mas pelo menos eu posso sentar?

Sim, claro, vamos lá.

A proibição para deambular é temporária até que as medidas de prevenção e tratamento das lesões ósseas possam ser iniciadas.

Eu a coloquei sentada na beira do leito, ela ajudou com bastante destreza e coordenação motora. Aqui começa o melhor do nosso encontro. Onde pude constatar mais uma vez que a biografia da vida sobrepõe-se à biologia em muitos casos, quiçá, em todos! A roupagem do corpo esconde ou não nos deixa enxergar as suas essencialidades, ora porque se é preto, pobre, periférico, gay, lésbico, trans etc. Eu, brincando como sempre, após ela bem sentada na beira do leito, certifico que estava tudo bem, aí mando uma frase em inglês *Very good!* e, para minha surpresa...

OK, thanks! You speak English?

Oh. So so!

I understand! My God! Como assim o senhor não fala inglês?

Sorry! Eu consigo ler, mas não tenho conversação desenvolvida... A senhora aprendeu a falar inglês onde?

Na FAETEC lá perto de casa.

Olha e segura a perna fraturada...



<p><i>Não vejo a hora desse inchaço da minha perna ficar bom logo!</i> <i>Com escuta compassiva. Sim, entendo!</i> <i>Fiquei sabendo que começou o curso de francês na FAETEC, e eu aqui... Sou louca para aprender francês, o senhor fala francês?</i> Eu, pálido com a pergunta, logo respondi: <i>Não!</i> <i>Eu sei algumas frases. “Comment vas-tu?”, “tout bon”, “bonjour toi”, “mon amour”...</i> <i>Nossa que fantástico, que lindo dona Berenice, estou encantado! Vamos voltar para a posição deitada?</i> <i>Sim, muito obrigada.</i> Depois de aproximadamente 40 minutos de aprendizado, Berenice explode em mim potencialidades inertes, escondidas, adormecidas, do tipo falar uma outra língua, que, no mínimo, seria a possibilidade de aproximação de uma outra cultura.</p>	<p>Me despeço com a alma vulcanizada de emoção... <i>Foi um prazer conhecer o senhor. Doctor, thank you very much. Good afternoon!</i> O que dona Berenice me ensina ou nos ensina? Que a vida é agora! Não temos limites para aprender! Que somos potências mesmo na fase derradeira da vida, somos grandezas espiritualizadas, para além do corpo! Que precisamos de uma vez por todas nos colocar como protagonistas das nossas vidas e acreditar nas potencialidades das nossas biografias! <i>Berenice, mulher negra, idosa, gravemente enferma, solitária, porém permanece como uma chama flamejante de vida que quer ainda aprender no campo fértil das possibilidades da vida.</i> <i>Dona Berê, merci beaucoup!</i> <p style="text-align: center;">■ ■ ■</p></p>
<p style="text-align: center;"><small>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</small></p>	